



⌘

um diário de sonhos bastardos



final feliz? • fogo santo •
tudo o que eu sempre/nunca
quis • vândalo • perdão •
rogaí por nós • o tempo
perdido na vastidão da noite
• outras coisas acontecendo
ao mesmo tempo • vento norte

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Artes Visuais - Bacharelado

a invenção
de quem
somos:

um diário de
sonhos bastardos

Igor Leonardo Menezes Gomes*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de Artes Visuais - Bacharelado, como
requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Artes Visuais

Orientador: Eduardo Romero Lopes Barbosa

Aprovado em: 11/03/2024

Recife, 2024

* Conhecido profissional e socialmente pelo nome artístico de
Leonardo Bertrand, tal como presente nos créditos das
produções autorais contidas neste livro

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Gomes, Igor Leonardo Menezes.
A invenção de quem somos: Um diário de sonhos bastardos / Igor Leonardo
Menezes Gomes. - Recife, 2024.
86

Orientador(a): Eduardo Romero Lopes Barbosa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Bacharelado, 2024.

1. Livro de Artista. 2. Cartografia. 3. Autoficção. 4. Identidade. 5.
Performance. I. Barbosa, Eduardo Romero Lopes. (Orientação). II. Título

700 CDD (22.ed.)

a invenção de quem somos:
um diário de sonhos bastardos

banca examinadora

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa
(Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Renata Wilner
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. MSc. Ana Flávia da Fonte Netto de Mendonça
(Examinadora Externa)

Resumo

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, busco relatar, de maneira cartográfica, os processos de criação do *livro de artista* intitulado [um diário de sonhos bastardos], primeiro desdobramento da obra em construção *A Invenção de quem somos: o álbum Bastardo de Leonardo Bertrand*. Em formato de encarte de disco, o material apresenta produções originais em fotografia, pintura, gravura e colagem, junto às canções compostas e um projeto gráfico inédito. Acompanho o relato da concepção e execução da obra com reflexões sobre a identidade, a autoficção, a performance e as múltiplas linguagens exploradas em minhas produções autorais. Traçarei, nesta pesquisa, paralelos com as realizações de outros artistas contemporâneos que são referências para o meu trabalho e apresentarei, em formato de diário de bordo, os caminhos que aqui me trouxeram e os que pude tomar no decorrer da minha jornada acadêmica em Artes Visuais.

palavras-chave:

Identidade; Imaginário; Autoficção; Cartografia; Processos de criação; Performance

Abstract

Through this Undergraduate Thesis, I seek to report, using a cartographic method, the creative processes of the artist's book titled [um diário de sonhos bastardos/*a diary of bastard dreams*], first piece of the work in progress *A Invenção de quem somos (The Creation of Who We Are: the bastard album by Leonardo Bertrand)*. In the format of a record booklet, the following material presents original productions in photography, painting, engraving, and collage, alongside with the composed songs and a unique graphic project. I accompany the report of the conception and execution of the work with reflections on identity, autofiction, performance, and the multiple languages explored in my authorial productions. In this research, I will draw parallels with the achievements of other contemporary artists who are references for my work and I will present, in the format of a logbook, the paths that brought me here and those I was able to take during my academic journey in the Visual Arts area.

keywords:

Identity; Imagination; Autofiction; Cartographic method; Creative process; Performance

agradecimentos

Saúdo o cosmos, o destino e a minha mãe, por me permitirem chegar a esse lugar.

Agradeço ao meu orientador, mestre e amigo de todas as horas, Eduardo Romero, que acreditou e me permitiu começar a colocar essa invenção de pé. Nada teria sido como foi sem o imaginário, sem o Symbolismum e sem estarmos juntos, mesmo quando isolados, desde antes de retornarmos.

Agradeço à Renata e Ana Flávia por também estarem presentes desde o princípio, período após período, projeto após projeto, a abrirem as portas do curso e de muito do que pude aprender, ser e viver, por aqui. Que sigamos moventes!

Agradeço também a todos os professoeras que estiveram ao meu lado nessa jornada. A Vitória, a Bete, a Ana Lisboa e a Joana D’arc, pelos aprendizados, pelas instigações e pela confiança de sempre.

A Ju Schmidt, em especial, pela empolgação, pelo incentivo e por todo o apoio para dar início (e vida!) a esta pesquisa.

Agradeço à Ananda, Athilyane, Marília e Damaris por me ensinarem a ser quem sou, pelos tantos anos e sonhos partilhados e por tudo o que temos a conquistar.

A Gabriel Dionísio, pelo cuidado, pelo amor, pela cumplicidade e pela presença em toda essa jornada.

Aos meus demais colegas de curso, sobretudo aos meus companheiros de entrada pela força e pela coragem de encarar tudo como foi e como ainda tem sido.

E ao meu pequeno eu, por desejar e querer o bastante pra me proteger, me projetar e me guiar até aqui.

Índice

(intro)duções	11
o mundo era imenso / e eu também era	31
na cidade grande / nada machuca, nada dói	45
o eu / a escapar de mim	59
(outro) / considerações finais	75
referências	81

um diário
de
sonhos
bastardos

final feliz?	93
fogo santo	107
tudo o que eu sempre/nunca quis	113
vândalo	117
perdão	131

rogai por nós	139
o tempo perdido na vastidão da noite	145
outras coisas (acontecendo ao mesmo tempo)	155
vento norte	161

*"I am a D.J.,
I am what I say
Can't turn around no,
Can't turn around, ooh!"*

*I am a D.J.,
I am what I play
I got believers
Believing me"*

David Bowie em D.J. (1979)

(intro)duções

A cada dia inventamos quem somos. Inventamos nossos nomes, nosso jeito de ser e o nosso lugar, seja nas mais importantes decisões das nossas trajetórias ou nas distraídas minúcias do cotidiano. Assim, nas nossas projeções, no que almejamos, nas nossas relações de trabalho, de submissão ou de austeridade; Inventamos infindas versões de nós mesmos para, finalmente, apresentarmos ao mundo esse alguém que pensamos – ou queremos – ser.

Foi na construção deste alguém, que inventei um nome para chamar de meu e, assim, o assino. Para o público, sou Bertrand, e essa figura que represento é tudo aquilo que sou e também o que tento, ou pretendo, ser.

Este trabalho nasceu da angústia de finalmente chegar a um outro lugar, força motriz essa que muito já me moveu, de fato, mas que aqui ganha corpo em minhas indagações acerca da figura que inventamos para nós mesmos e de como a performamos e fazemos, todos ao seu modo, com que as nossas vidas sejam nossas próprias obras de arte.

Falo por mim, eu sei. Aqui me graduando em Artes Visuais, demorei um certo tempo até me entender como artista - como todos nós, de um modo ou de outro, somos - mas confesso que foi libertador perceber que aquilo que fazia, de maneira empírica e despretensiosa, até, era o meu verdadeiro e mais honesto trabalho, e é sobre ele ao qual me debruçarei nessa investigação.

O que busco, mais do que somente atando minhas palavras a uma análise *quase-que-terapêutica* da minha vida, da minha produção e do lugar que entendo ocupar no mundo, é compreender meus processos criativos, como sendo um artista contemporâneo inserido em todo o contexto (social, político, cultural e histórico) em que estamos e que, talvez, algum dia, isso tudo possa, ou não, servir de registro e documento para que pesquisadores ou curiosos do futuro venham a buscar e a enfim desvelar mais do que eu mesmo posso compreender, estando do lado de cá dessa ciranda.

Para isso, tomo a liberdade de utilizar da abordagem chamada de pesquisa em artes, trazendo comigo uma produção artística autoral que foi sendo desenvolvida junto às minhas divagações. Segundo a pesquisadora *Icleia Cattani* este caminho existe, no campo das artes, uma vez que o meu objeto de estudo “(...) *está em vir-a-ser e se construirá simultaneamente à elaboração metodológica*” (2002, p. 41).

Fujo, e trato logo de escancarar, de qualquer objetividade que escape à poesia. Quero compor e contribuir com a ciência e o saber, de meu modo.

E o meu modo abraça toda a subjetividade e a indisciplina que, por muito, eram tidas como atitudes e produções *não-acadêmicas* e portanto, eram escuraçadas para além dos portões e muros da universidade e de sua construção de conhecimento.

Aqui percebo, depois de outras duas não concluídas graduações bem mais engessadas em meu currículo, que ter o contato com a poética do imaginário, de Gaston Bachelard e seus desdobramentos espaciais, devaneantes ou elementares foi fundamental para poder chegar a este lugar de tranquilidade e de pertencimento junto a ciência das artes, como nunca pude sentir antes, nos outros campos nos quais passeei.

Bachelard vai estar presente, direta ou indiretamente em muitos dos desdobramentos textuais, estéticos e artísticos aos quais esse projeto se estrutura.

A obra que norteia esta minha pesquisa, o livro de artista autoral intitulado [um diário de sonhos bastardos], vem anexada e mesclada a este arquivo, e é o primeiro ato de um projeto maior que há muito vem morando no meu imaginário e assumindo a dianteira na fila do meu relicário de tantos quereres.

Desde 2019, antes mesmo de ingressar na graduação em Artes, venho construindo peça a peça de um enorme quebra-cabeças chamado de *A Invenção de quem somos: O álbum Bastardo, de Leonardo Bertrand*. Da ideia inicial, as primeiras realizações, até as composições de cada uma das canções que, mesmo ainda não gravadas, já compõem o trabalho; tudo foi realizado e atravessado durante os meus períodos de estudo no curso e, conseqüentemente, tudo se atravessa e se cruza, no contar dessa história.

Tinha comigo intenções mirabolantes, sobretudo dentro de prazos irreais em períodos de tamanho reduzido, como todos tem sido desde que comecei e que relatarei mais detalhadamente quando chegadas as considerações finais.

Entendo, portanto, este livro de artista como sendo a síntese e a etapa inicial de uma obra em andamento, que aqui apresento em seus resultados parciais, de fato, mas que também pretendo seguir a desenvolver em desdobramentos futuros desta pesquisa.

Portanto, pretendo utilizar aqui do chamado método cartográfico, invertendo a ordem de esquematização do processo de criação e contando não com um esquema cartesiano de metas, roteiros e planejamentos prévios, mas com a realização de toda esta pesquisa em formato de um diário de bordo processual como um documento de registro e acompanhamento das etapas de produção, concepção e realização da obra.

Para isso, seguirei as definições sobre o método estabelecidas por Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, quando dizem que:

A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (Passos; Barros, 2009, p.17)

Tenho acompanhando os desdobramentos dos avanços da chamada inteligência artificial, - que também entra numa seara de questões ainda mais complexas e profundas quando analisada em sua relação com a produção artística contemporânea - mas entendo e aceito, até, de que boa parte do conhecimento das chamadas “ciências duras” está prestes a ser tomado para si pela IA.

E não se trata do olhar para um horizonte distópico e distante, mas sim do contexto de agora, nesses quase meados da década de 20 do século XXI. Muitas das monografias, artigos e dissertações contemporâneas a esta, salvaguardadas neste mesmo repositório ao qual a minha estará destinada a ser submetida, foram quase que inteiramente escritas por programas de automação textual.

E tudo bem. Questões éticas e morais à parte, o que quero refletir, neste adendo e no conjunto da minha pesquisa é que o que nos resguardará de um futuro de conhecimentos meramente *maquiníficos* (sic) é justamente a nossa capacidade de sermos humanos, afetuosos, subjetivos, assertivos, ou não, e da nossa possibilidade em adicionar mais e mais de nós mesmos e do nosso imaginário não só ao nosso pensar e saber, como também as nossas produções artísticas ou de conhecimento, como esta.

*“de manhã, quero conversar com o tempo
e curtir o que de interessante surtir efeito,
o problema não é estar vazia,
mas desejar é só o que temos por agora*

*não sei se foi o que falei com as obras
mas não tem mais ninguém por aqui pra evitar*

*sempre me engano,
o que eu quero é perder tempo a toa
e que eu saiba, não é novidade alguma”
[...]*

Fragmento de **dadaísmo algorítmico II**, escrito por mim apenas com as sugestões de palavras dadas pelo corretor automático do meu telefone, em 22 de abril de 2020, como parte de uma série de poesias *neo-dadas* que pretendo desenvolver, noutro momento.

No decorrer desta pesquisa, apresentarei conceitos que podem parecer um pouco deslocados de seus contextos originais, mas que servirão para narrar o que entendo como sendo a minha jornada de autoficção¹, um termo que sursupio da literatura para se aplicar em minhas divagações acerca das construções das nossas personas², pincelando com a teoria do imaginário e os conceitos relativos à performance⁴ no âmbito das Artes Visuais.

Lustrarei este percurso, porém, tomando a liberdade de narrar minha jornada e o desdobramentos presentes em minhas produções artísticas e poéticas, entre auto retratos e auto representações³, realizadas em paralelo a esta pesquisa e que formam esse conjunto obra-pesquisa que aqui se materializa como um livro de artista autoral, a emular o formato de um encarte de disco de vinil, como melhor explicarei ao relatar as etapas de produção, presentes no corpo deste texto.

A seguir, apresento um breve glossário ilustrado dos quatro termos destacados, que acredito serem basilares a esta pesquisa e que, ao serem introduzidos logo ao começo desse trabalho - e de tal modo, mais fora da casinha - pouparão um número considerável de outras páginas, mais adiante, com explicações formais ou demasiadamente teóricas dos mesmos.

1 a autoficção

A autoficção talvez seja o termo basilar das minhas investigações neste projeto. É tudo verdade. É tudo invenção. É tudo uma grande *fic*. Ou não. A autoficção nos dá esse lugar de autonomia e de emancipação criativa e encontra-se presente, nas artes visuais, que é o que aqui nos interessa, ligado ao campo de ação da performance, onde se abrem as possibilidades de criação de mundos, de contextos e de realizações filhas de sua própria liberdade.

A pesquisadora Diana Klinger descreve, ao desenhar um paralelo da autoficção com a performance, mas em se tratando do campo da literatura, em seu caso, porém que podemos bem tomar para a nossa contemplação do termo aqui usado dizendo que “o que interessa na autoficção não é a relação do texto com a vida do autor, e sim a do texto como forma de criação de um “mito do escritor”. (2008, p.22)

2 a persona

Personas representam identidades forjadas, com o uso da auto ficção como um meio para idealizar e performar um outro alguém. Este pode ser uma projeção de si mesmo ou a uma pessoa particularmente diferente, mas que ainda assim é como um só, não sendo um personagem ou um mero ato de atuação. Nomes artísticos acabam também por entrar nessa conta.

Por exemplo, se a frente de Stefani Germanotta, há uma Lady Gaga; De David Jones há um David Bowie ou um Ziggy Stardust ou um Aladdin Sane; de Cynthia Morris há uma Cindy Sherman que, por sua vez, tem a sua frente centenas de distintas e inomináveis personas; Por fim, a minha frente, há Bertrand, o bastardo, este alguém que aqui se introduz.

“Na performance geralmente se trabalha com persona e não personagens. A persona diz respeito a algo mais universal, arquetípico (exemplo: o velho, o jovem, o urso, o diabo, a morte etc). A personagem é mais referencial. Uma persona é uma galeria de personagens)”. (COHEN, 2004, p.107)

3 a auto representação

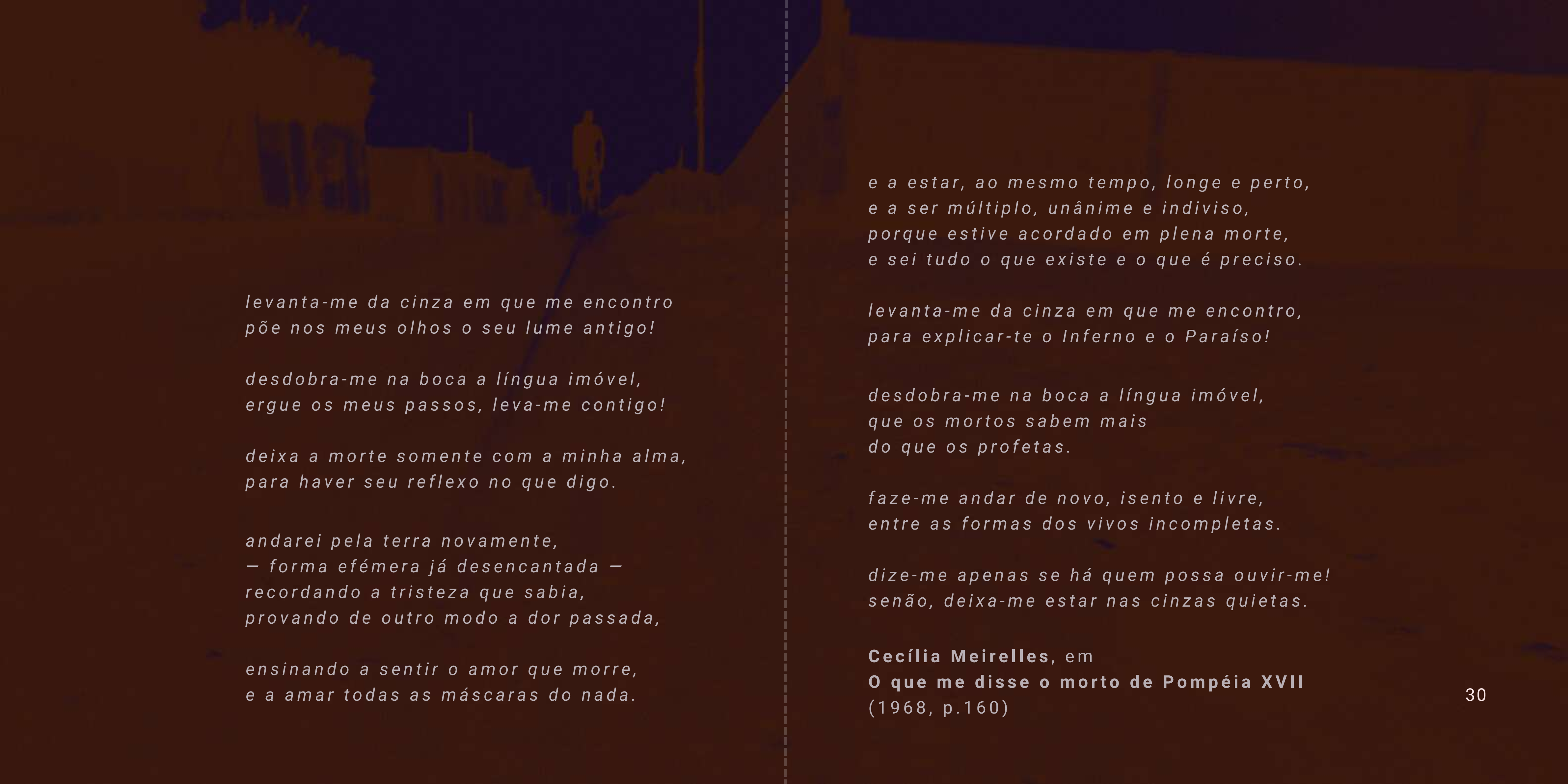
A auto representação é um jogo de espelho obtusos diante dos nossos reflexos, no mundo. Para além do meu corpo e de tudo o que já aprontei, com ele, me vejo refletido no que digo, em objetos, em paisagens e sobretudo, em símbolos que trato de significar e de levar comigo para contar minha história.



Me vejo nas analógicas que levei um bom tempo até conseguir finalmente fotografar. Vejo minha imagem e semelhança no valete de copas que despretensiosamente um dia eu comprei. Me vejo nas músicas que crio, nas coisas e nas pessoas que um dia eu já amei.

4 a performance

A performance é o filho, a gestação e seu próprio parto, é uma poesia que conecta isso tudo. É o agir, é o planejar, é a consequência e a aplicação, é tudo o que, ao final das contas, temos a poder contar, com nosso corpo como operador central dessa equação. Seu ponto de ligação e ruptura simultânea entre as mais diversas linguagens da arte, efetiva sua projeção como um campo de pensamento e ação único e autônomo.



*levanta-me da cinza em que me encontro
põe nos meus olhos o seu lume antigo!*

*desdobra-me na boca a língua imóvel,
ergue os meus passos, leva-me contigo!*

*deixa a morte somente com a minha alma,
para haver seu reflexo no que digo.*

*andarei pela terra novamente,
— forma efémera já desencantada —
recordando a tristeza que sabia,
provando de outro modo a dor passada,*

*ensinando a sentir o amor que morre,
e a amar todas as máscaras do nada.*

*e a estar, ao mesmo tempo, longe e perto,
e a ser múltiplo, unânime e indiviso,
porque estive acordado em plena morte,
e sei tudo o que existe e o que é preciso.*

*levanta-me da cinza em que me encontro,
para explicar-te o Inferno e o Paraíso!*

*desdobra-me na boca a língua imóvel,
que os mortos sabem mais
do que os profetas.*

*faze-me andar de novo, isento e livre,
entre as formas dos vivos incompletas.*

*dize-me apenas se há quem possa ouvir-me!
senão, deixa-me estar nas cinzas quietas.*

Cecília Meirelles, em
O que me disse o morto de Pompéia XVII
(1968, p.160)

o mundo era
imenso / e eu
também era

Nasci no alto sertão de Itaparica, na Floresta do Navio cantada por Luiz Gonzaga e gravada no imaginário pernambucano como quase uma cidadezinha de velho oeste, remota e isolada, cujas tensões - e má fama - aqui ou alí me deixam encurralado diante das mesmas velhas perguntas: de que lado você está? Qual é o seu sobrenome? Quem é a sua família, afinal?

Vim ao mundo em meio ao estopim dos conflitos, em meados de uma sangrenta década de noventa. Desviei das balas, desde minha infância, e mantive minha cabeça nas nuvens numa tentativa de conseguir escapar dali, algum dia.

Desde pequeno, então, me mantive de antenas apontadas para o céu.

Numa casa que ainda existe, mas que não existe mais, cresci. Na Rua Manoel Novaes, o número 80, era sempre complementado, de alguma forma que não lembro - com uma cruz, uma estrela ou um símbolo, capaz - pois minha mãe via, talvez, na numerologia, que aquele não era o número de um bom lugar a se habitar.

De fato, talvez não fosse, pois mesmo sendo minha casa de infância, pouco tenho a recordar de modo saudoso ou afetivo daquele que era, mas não realmente era, o meu lar.

Ali, porém, pude me esconder e deixar de ser como a maioria das pessoas ao redor, era.

E mesmo que o dia após dia fosse inescapável, minhas esquisitices eram os meus próprios mecanismos de defesa.

Um par de fones de ouvido, sempre a mão, ou o avistar, bissexto, dos aviões distantes a desenhar seus rastros em linhas de fuga, no céu, me hipnotizavam e, de algum modo, perpetuaram o alienígena que sou.

Das poucas coisas que encontrei, fuçando as gavetas em eventuais caças ao tesouro na minha infância, lembro apenas de um retrato escondido, guardado debaixo das fotos coladas em um álbum, de um estranho que se parecia, um pouco, comigo. E tudo o que eu realmente sabia de mim é que eu era o filho bastardo de alguém.

Sabia de cor, também, as ruas as quais não devia passar. E passava por elas, ainda assim, na curiosidade de tentar entender afinal o que poderiam esconder.

Vez ou outra, até conseguia perguntar a alguém sobre quem eu era e de onde eu vim. Nunca tive maiores respostas, afinal.

Crescer com essas dúvidas, talvez, só tenha perpetuado minha busca por inventar histórias e reescrever as perguntas irrespondíveis que eu esqueci por lá.



Tendo vivido minha infância na transição entre tempos analógicos e digitais, me beneficieei da possibilidade - cada vez mais ilustrada - de imaginar pra mim, um mundo que não se limitava ao meu entorno.

Assim, eu devorava revistas, gibis e livros, tanto quanto os desenhos, filmes ou novelas no televisor do meu quarto - e que, guardado até hoje comigo, o tenho como um verdadeiro companheiro de infância - numa curiosidade ingênua e portando a eterna vontade de conhecer o mundo para além daquela redoma.

Lembro de avistar, da janela dos fundos, os limites entre a cidade e a vastidão verde-acinzentada da caatinga, num eterno querer ir além das afastadas serras que despontavam no horizonte e as quais, de fato, as atravessei, mesmo sem nunca sequer tê-las visitado.

Fascinavam-me, também, as imensas torres de chuva, como minha avó as chamava, e os impiedosos relâmpagos e trovões que, até hoje, só ali eu testemunhei. Intempéries torrenciais só me deixavam ainda mais encantado com a grandeza das coisas, e, nessas horas, naquela cidade pequena, muitas vezes trancado em meu quarto, eu percebia que o mundo era imenso, e eu também era.

Encarar a dimensão das coisas, porém, também trazia o seu revés. A exceção das irmãs-de-alma que tive a sorte de encontrar, desde muito pequeno, eu, filho único de um chão ao qual eu era um extraterrestre, me percebia sozinho, ali.

Lembro, porém, de fechar os olhos e ouvir, ao longe, em meio ao silêncio sibilante das madrugadas, o ressoar distante do somido de alguma tenda eletrônica das festas de interior - o que parece ser um grande contrassenso a quem olha de fora e tem apenas a visão caricata e maniqueísta do que se entenderia como uma noite qualquer numa cidade do sertão de Pernambuco, em pleno fim da década de 2000 - tocando, repetidas vezes, canções da Lady Gaga em seu álbum de estreia, o *The Fame*, de 2008.

Podia até parecer, mas não era uma miragem, daquela vez. Talvez fosse um sinal do tempo, me confirmando que sozinho, de fato, eu não estava. Todo um universo novo estava prestes a despontar no horizonte - e eu não via a hora de poder alcançá-lo.

*"some girls won't dance
to the beat of the track*

*she won't walk away,
but she won't look back"*

Lady Gaga em
Dance in the Dark (2009)

Diz a lenda que a cada pessoa queer, lá pelos seus treze anos de idade, lhe é concedido o primeiro contato com aquela que será a sua diva, sua musa a se admirar e se acompanhar por toda, ou grande parte, de sua jornada neste mundo.

Não por coincidência, tinha eu treze anos quando acompanhava o surgimento e o acontecimento da Lady Gaga e ela não apenas foi um marco importante da minha juventude e da minha jornada de autoconhecimento, como também representa uma referência basilar na minha própria produção e nas minhas pretensões, com este projeto.

performance de Paparazzi, por **Lady Gaga** (2009)



Gaga apresentou, logo nos primeiros anos de sua carreira, um dos atos performáticos mais efetivos e incomensuráveis que trago em meu repertório.

Era 2009 e eu assistia ao vivo, pela MTV, ao Video Music Awards, a premiação, não das mais louváveis ou idôneas, mas que premiava, em suma, a produção de videocliques e de apresentações musicais dos nomes em alta (e com maiores e mais efetivos *lobbies* da indústria musical) de cada ano.

Dentre apresentações musicais triviais dos produtos insípidos da cultura pop da época, uma figura excêntrica e ainda pouco desconhecida, inegavelmente roubou a cena e tomou para si as rédeas de sua própria história.

“Sangrando” no palco, ela cantava por sua vida, em frente a uma plateia atônita, em um ato que se misturava entre a realidade, o choque, a ficção e a sátira.

Não obstante, a chamam desde então de mamãe monstra. Ali, talvez, ela também me deu a luz.



performance de Paparazzi, por Lady Gaga (2009)

A apresentação, naquele episódio, não se tratava tão somente de um número musical, como tantos outros daquela mesma noite, cujo qual conceito da performance e do performar delimitam outros aspectos específicos de sua área; nem se tratava somente da dança, também presente como parte de todo o ato mas também não sendo o objeto central que poderíamos tomar da cena. Embora fosse, aos olhares mais céticos, uma encenação, esta não estava aqui atrelada aos conceitos ou enredos que representassem uma performance teatral ao pé da letra.

O corpo de Gaga, porém, era centro das atenções e seus atos, desde o de dançar, cantar, interpretar e chocar os olhares dos espectadores, desempenhavam uma representação estética de toda a dor que a artista atribuía a sua percepção de fama e, logo, de sua própria arte.

Ao cantar, em plenos pulmões, suas melodias dançantes que poderiam ser interpretadas de maneira floreada ou descontraída, Gaga, dá início a sua narrativa auto ficcional da dor e das angustias as quais seu álbum é constituído.

Ao discutir sobre essa performance, o pesquisador Daniel Lima relata que:

A performance de dor parece ser especificamente importante neste processo, já que o sofrimento relatado opera de maneira a reivindicar intimidade e autenticidade das experiências a partir de uma atualização do próprio relato de sofrimento. (LIMA, 2019, p.169)

E voltando para Floresta, naquela TV ligada no tardar de uma noite de domingo, testemunhei, de casa, um acontecimento quase-que religioso. Diante de tal visão, de tal encontro, todo o caminho adiante, para mim, já era um outro. E assim foi.

A figura de Gaga, a partir daquele episódio, já representava mais do que o seu nome poderia entregar. E mesmo já sendo uma *persona*, assumida pela artista *Stefani Germanotta*, outras tantas ganharam vida em suas canções, videocliques e performances. Eu, fascinado, a acompanhava e percebia que a arte daria rumo à minha vida e que essa vida também poderia ser a minha própria obra de arte.

Igor eu já era, não me bastava. Leonardo eu poderia ser, sempre também foi meu nome. Ainda faltava algo, porém, que só com o tempo eu pude criar e amadurecer, até aprender a ser Bertrand, como sou hoje.

Dos quinze anos que ali vivi, me lembro bem de constantemente devanear e, ainda que as pequenas coisas me distraíssem, foi ali que aprendi a planejar tudo o que poderia vir a me tornar, um dia. Assim, com a coragem de tantos – sobretudo a dos loucos – decidi começar a correr e correr, até sair de lá.

Pelo bem ou pelo mal, deu certo e, nisso, lá se vão mais de dez anos. Tudo o que guardo de lá são as lembranças e as fotografias, salvas nas nuvens ou não, que um dia tirei. Elas sempre falaram por si, muito melhor que eu, e sei que assim seguirão.

“when I was 16
I finally moved to the big city
my dreams were screaming
at my face:
heads up, girl,
you can rule this place!”

Cansei de Ser Sexy em
City Grrrl [ft. **SSION**] (2011)

na cidade
grande / nada
machuca,
nada dói

E tão logo quanto pude, não parei mais de correr e de me descobrir em cada um dos cantos que já morei. Foi no Recife, porém, que encontrei um lugar para realmente chamar de meu e cujo qual a ligação afetiva de compartilhar até o meu aniversário - com apenas um dia de distância - só tratou de cristalizar nossa conexão de piscianos, que somos.

De algum modo, o signo dessa cidade sempre despontou em meu destino. Desde a infância, o Recife era o cenário de muitas das minhas férias de verão, sempre aguardadas por quebrarem a lógica espacial da velha redoma florestana que eu habitava. Aqui eu podia abrir bem os olhos enquanto sonhava. E o que eu enxergava, sob a lente de um eterno fascínio e encantamento, já tratava de fotografar com os meus olhos, ao menos.

A verdade é que eu me enxergo em muitas coisas, nas paisagens e nos transeuntes, para além desse meu corpo esquisito.

Me vejo nas ruas, nas avenidas, me vejo nos pequenos detalhes que me saltam aos olhos ao passear sem destino e também no que nos atravessa, de relance, na correria do translado nosso de cada dia.

Dito isso, eu sei, poderia adentrar a toda uma outra seara, que também é parte fundamental do meu trabalho artístico, porém a deixarei de lado, por aqui, em detrimento ao que realmente pretendo direcionar meus esforços, num outro jogo de espelhos.



E é até engraçado dar conta de tal dicotomia. Enquanto muito do que me inspira e do que já realizei na fotografia, está para além dos muros do meu endereço, meus autorretratos sempre costumam partir de um mesmo lugar, do cômodo mais escondido de mim, que também é o refúgio menos acessível do centro desta cidade, o meu quarto.

No léxico do imaginário queer contemporâneo, *bedroom queens*, são assim chamadas as pessoas que produzem arte drag majoritariamente realizando suas performances e montações em casa, de maneira a que as ferramentas de fotografia e vídeo são os meios fundamentais para que tais artistas realizem suas obras.

Talvez o meu imaginário esteja tomado por tal, pelas tantas horas de *Rupaul's Drag Race* que tenho maratonado, de uns tempos para cá. Mas, dadas as devidas proporções, olho para o extrato de minha produção a qual aqui me debruço e percebo que venho trabalhando de modo semelhante, com a presença e o lugar de criação na minha casa e no meu quarto representando um pilar base da sustentação de todas as invenções e, logo, de todas as personas que os meus autorretratos vem a materializar.

Sinto a necessidade de adentrar e tomar um tempo em meu casulo e assim, poder trabalhar em meu próprio espaço particular, isolado, tal qual como fomos obrigados a estar por um considerável período de tempo, na pandemia.

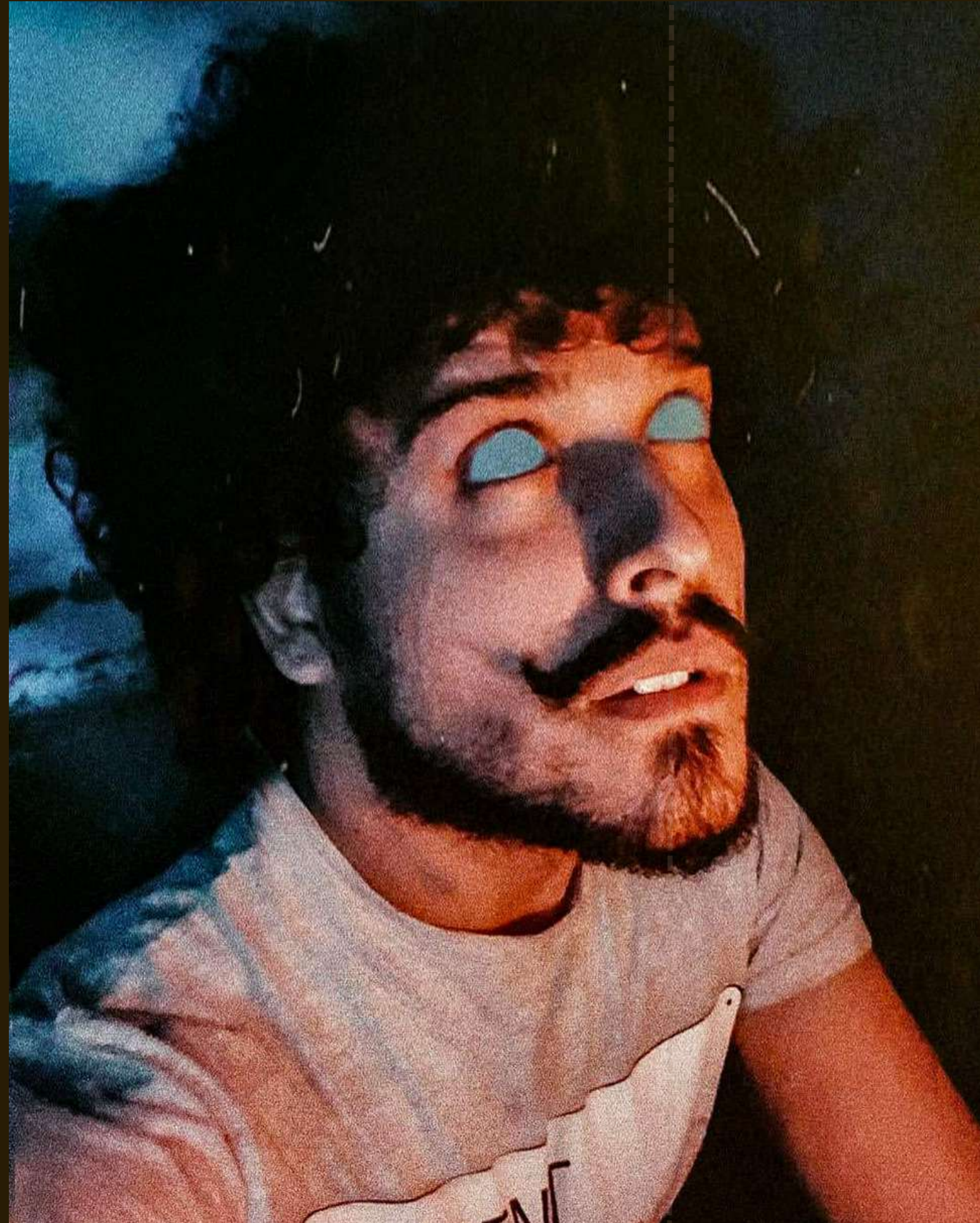
Esse acontecimento histórico, no entanto, teve início imediatamente após a minha segunda semana de aulas na graduação em Artes Visuais, que muito demorei, mas finalmente havia ingressado, naquele fatídico primeiro semestre de 2020.

Dentro dessas mesmas paredes as quais hoje me debruço a escrever sobre toda essa jornada, vivi a chamada experiência remota - impositiva, a priori, pelas condições que o estado de calamidade global causado pelo coronavírus nos instaurou - e tive de adaptar meus dias, estranhos como nunca, a construção de uma nova incursão na vida acadêmica, numa terceira tentativa, em meu caso, dentro de uma estruturação de tempo e espaço completamente arbitrários e desgastantes.

Nisso, fui forçado a repensar os espaços deste minúsculo apartamento que vivo, tornando-o o meu atelier, o meu laboratório de estudos, criações e de pesquisas. Não havia um plano b ou uma outra maneira, senão a encarar a realidade, aceitando o que viesse e estando sujeito, como na canção, ao êxito ou ao insucesso, mas contribuindo para manter os malabares no ar e o curso e a universidade, como um todo, em pleno funcionamento.

Sei que nenhum de nós estava preparado para lidar com o isolamento, da forma a qual fomos forçados a encarar, muito menos pensamos que poderíamos realizar atividades que demandavam práticas coletivas de atelier e toda uma presencialidade na universidade, a qual não pudemos ter até quase meados do curso, para a minha entrada.

E ainda é desconfortante falar sobre tudo o que passamos, pois o tempo passou, desde então, a girar de uma forma tão esquisita que acredito que nenhum de nós tenha realmente superado ou voltado a um mínimo estado de normalidade, para além da queda das máscaras, muito menos se dá conta que lá se foram 4 anos, desde aquele estopim até o estranho tempo em que estamos.



lord, give me grace and dancing feet (2020) / acervo pessoal

Ingressei em Artes, já me entendendo como um artista, ao meu modo, mas completamente alienígena ao cânone tradicional das artes visuais. Portanto, estava de peito aberto, disposto a encarar tais aprendizados, do zero e com a cara e a coragem que sempre costumei ter.

Não esperava que o mundo fosse parar, como parou, mas ainda assim, continuei a andar com ele, tendo um novo motivo a encarar tempos de tamanha incerteza e escuridão.

Foi aqui dentro destas mesmas paredes, que me fiz escultor, desenhista, pintor, performer.

Fotografar foi uma das poucas coisas que eu realmente já tinha alguns bons anos de bagagem e me encaminhou a lidar bem com todos os outros campos que pude mesclar a sua linguagem.

Estando em casa, pude confrontar os espelhos e subvertê-los nas composições de retratos que são meus e que ao mesmo tempo, são de outros de mim.

Se no mundo de antes, eu já por alguns anos mantinha tais hábitos, ainda sequer planejados ou conceitualizados da forma como os entendo hoje, depois de ficar tanto tempo enfurnado comigo e comigo apenas, comecei a entender e a fazer circular as engrenagens que moveriam e dariam corpo à minha obra, aqui em análise.

Percebo, ao olhar agora, diante da reta final do meu trajeto neste curso, que ainda não tenho (ou, se tinha, perdi) o jogo de cintura adequado para trabalhar em modo coletivo ou colaborativo nesse ponto em específico de minha obra.

Ainda tive algumas poucas disciplinas práticas presenciais, como as de Gravura e Performance, por exemplo, e embora eu tenha conseguido produzir e realizar trabalhos práticos no decorrer delas, senti falta de ser quem eu era - ou sou - quando estou neste meu laboratório de criação particular.

“A casa, o quarto, o sótão em que estivemos sozinhos, dão os quadros para um devaneio interminável, para um devaneio que só a poesia poderia, por uma obra, acabar, perfazer.”

Se damos a todos esses retiros sua função que foi abrigar sonhos, podemos dizer [...] que existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro.”

Gaston Bachelard, em
A Poética do Espaço (1978, p.207)



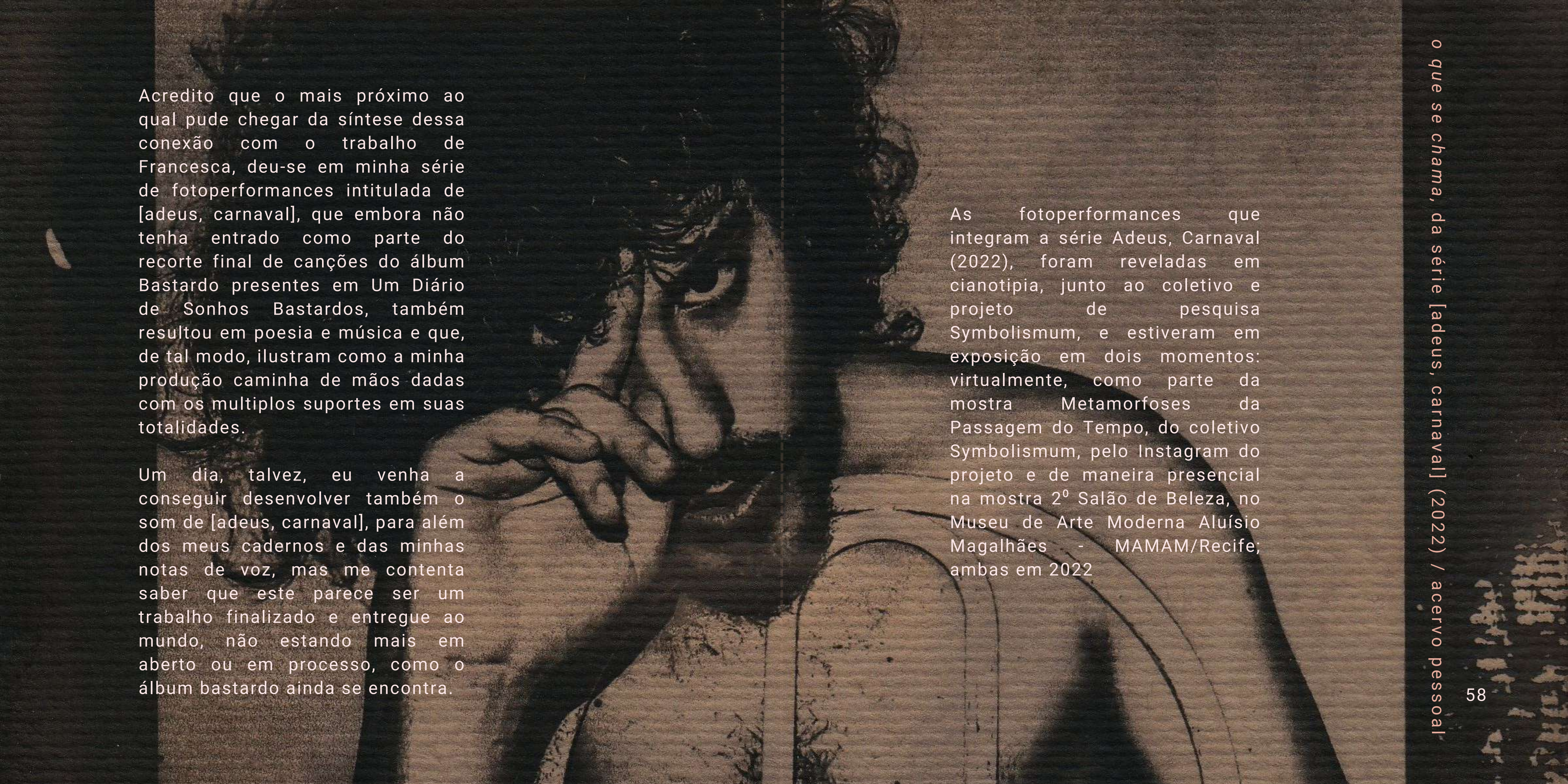
self portrait talking to vince

self portrait talking to steve, por Francesca Woodman (1977)

Pensar em quanto necessito da minha casa e do meu quarto, sobretudo, na produção dos meus autorretratos me relaciona diretamente a obra de Francesca Woodman, que embora talvez esteticamente se apresente como sendo realizada de maneira bem distante e distinta das minhas produções, com o predomínio de cenas em preto e branco realizadas em filmes de câmeras analógicas, ante ao meu uso berrante de cores saturadas e luzes cênicas em fotografias digitais - e, em sua maioria, realizadas até mesmo pelo celular - consigo enxergar nossos pontos de convergência, quando escancaramos essa necessidade do mergulho no íntimo e no particular dos nossos casulos para a materialização, em formato de autorretratos, daquilo que temos a silenciosamente berrar.

Fui apresentado a obra de Francesca ainda em meu primeiro período na universidade, na disciplina de Fotografia e Corpo, e em sua obra, pude me ver refletido frente aos espelhos de sua vulnerabilidade e na projeção do seu próprio corpo, a bailar por entre as palavras não ditas, performando em esquadros estáticos, a velocidade, a vontade, a impermanência e a angústia.

Tudo, revelado em seus autorretratos, realizados com tão pouca idade, mas munidos de maturidade, coragem e despretensão, um equilíbrio ideal que ainda não percebia, mas que sempre busquei.



Acredito que o mais próximo ao qual pude chegar da síntese dessa conexão com o trabalho de Francesca, deu-se em minha série de fotoperformances intitulada de [adeus, carnaval], que embora não tenha entrado como parte do recorte final de canções do álbum Bastardo presentes em Um Diário de Sonhos Bastardos, também resultou em poesia e música e que, de tal modo, ilustram como a minha produção caminha de mãos dadas com os múltiplos suportes em suas totalidades.

Um dia, talvez, eu venha a conseguir desenvolver também o som de [adeus, carnaval], para além dos meus cadernos e das minhas notas de voz, mas me contenta saber que este parece ser um trabalho finalizado e entregue ao mundo, não estando mais em aberto ou em processo, como o álbum bastardo ainda se encontra.

As fotoperformances que integram a série Adeus, Carnaval (2022), foram reveladas em cianotipia, junto ao coletivo e projeto de pesquisa Symbolismum, e estiveram em exposição em dois momentos: virtualmente, como parte da mostra Metamorfoses da Passagem do Tempo, do coletivo Symbolismum, pelo Instagram do projeto e de maneira presencial na mostra 2º Salão de Beleza, no Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães - MAMAM/Recife; ambas em 2022

“O indivíduo é a autoafirmação do “eu”, da subjetividade, ou seja, onde ele é plenamente ele mesmo.

Há dois aspectos fundamentais, o equivalente a dois softwares no indivíduo humano:

Há um que é “eu” e que está no princípio do egocentrismo, eu me coloco no centro do meu mundo (..) Mas, felizmente, há um segundo princípio, antagonista, que se encontra no indivíduo e que manifesta, desde o nascimento, a necessidade do outro, de sorrir, de ser embalado. Ou seja, a necessidade de estar em um “nós””.

Edgar Morin, ao refletir sobre identidade e individualidade no vídeo **A complexidade do eu** (2014)

o eu / a escapar de mim

Quando canto, a plenos pulmões, que desejo escapar de mim mesmo, não digo que quero deixar de ser, existir ou fingir qualquer outra coisa que eu não venha a me tornar. Quero mesmo é desviar da sina de que tais canções, tais paisagens, tais versos ou tais harmonias, existam apenas (e tão somente) para mim.

Todos os meus eus estão em busca dos seus nós. De quem os enxergue, de quem os escute, de quem os compreenda ou mesmo os questione. Logo, tal desejo em existir, em se mostrar e em se fazer valer, são os meus meios de tentar encontrar meu verdadeiro lugar, de me sentir menos alienígena nessa terra, para além do chão em que piso.

Todos esses quereres se condensam no meu desejo obsessivo de tornar matéria, física ou intangível, as minhas criações artísticas, as minhas canções que, mesmo até o presente momento, só foram escutadas por um par de outros alguéns.

Me empolga poder ser um *contautor* e, ao meu modo, me tornar criador e personagem das minhas próprias histórias.

Muitas vezes, essas vão além das palavras ou do que se pode ser balbuciado sobre elas. Outras tantas vezes, elas existem em um frame só, em uma fração de segundo eternizada, para além dos fatos e das pós-verdades, como um retrato manipulado e reescrito do mundo, que só a ficção é capaz de abraçar.

Esse sentimento me toma, há muito, e é o que atravessa os espelhos e os retratos que invento de mim.



all that, burning (2022) / acervo pessoal

Fui iniciado na fotografia, após as minhas primeiras incursões a ela, de maneira casual e despretensiosa, na adolescência, com o jornalismo e a fotografia factual, rígida e carregada de uma sobriedade que eu nunca pude realmente empunhar.

Minhas invenções sempre me falaram mais alto, foram elas as vontades quase-que-intrusivas de se sobressair a realidade da vigília e se fazer acontecer, com toda a liberdade do criar e do imaginar embebido em seu corpo e em suas artérias.

Assim, o cinema sempre me pareceu ser o ponto de incursão desses meus interesses e sempre quis poder desvendá-lo e desenvolvê-lo.



Untitled film still #78, por Cindy Sherman (1980)

E nisso, antes de mim, veio notável e brilhantemente, Cindy Sherman. Mesclando exatamente a narrativa e a linguagem do cinema, com a fotografia que vai para além das obviedades da realidade factível, junto ao ato performático, ao absurdo e a estética *camp* e desmedida, ela abriu em definitivo o caminho para a realização do que hoje entendo como sendo o que produziu, basicamente.

Sherman consegue ser, aos meus olhos, múltipla, unânima e indivisa, como o morto de Pompeia dos versos de Cecília Meirelles referenciados, lá atrás. Ela sustenta, como ninguém, as multidões que habitam dentro de si e não demonstra qualquer cerimônia em dar cara ao seu descaramento.

Ter contato com a sua obra, foi um divisor de águas até mesmo na forma como eu enxergava meu modo de criação. Pude ver, pela primeira vez, que não era o único a criar e contar minhas estranhas historietas em fotoperformances, por vezes absurdas, e sua polissemia frenética é, para mim, um sopro de ar fresco e de singularidade num amplo olhar para a produção contemporânea em âmbito global.

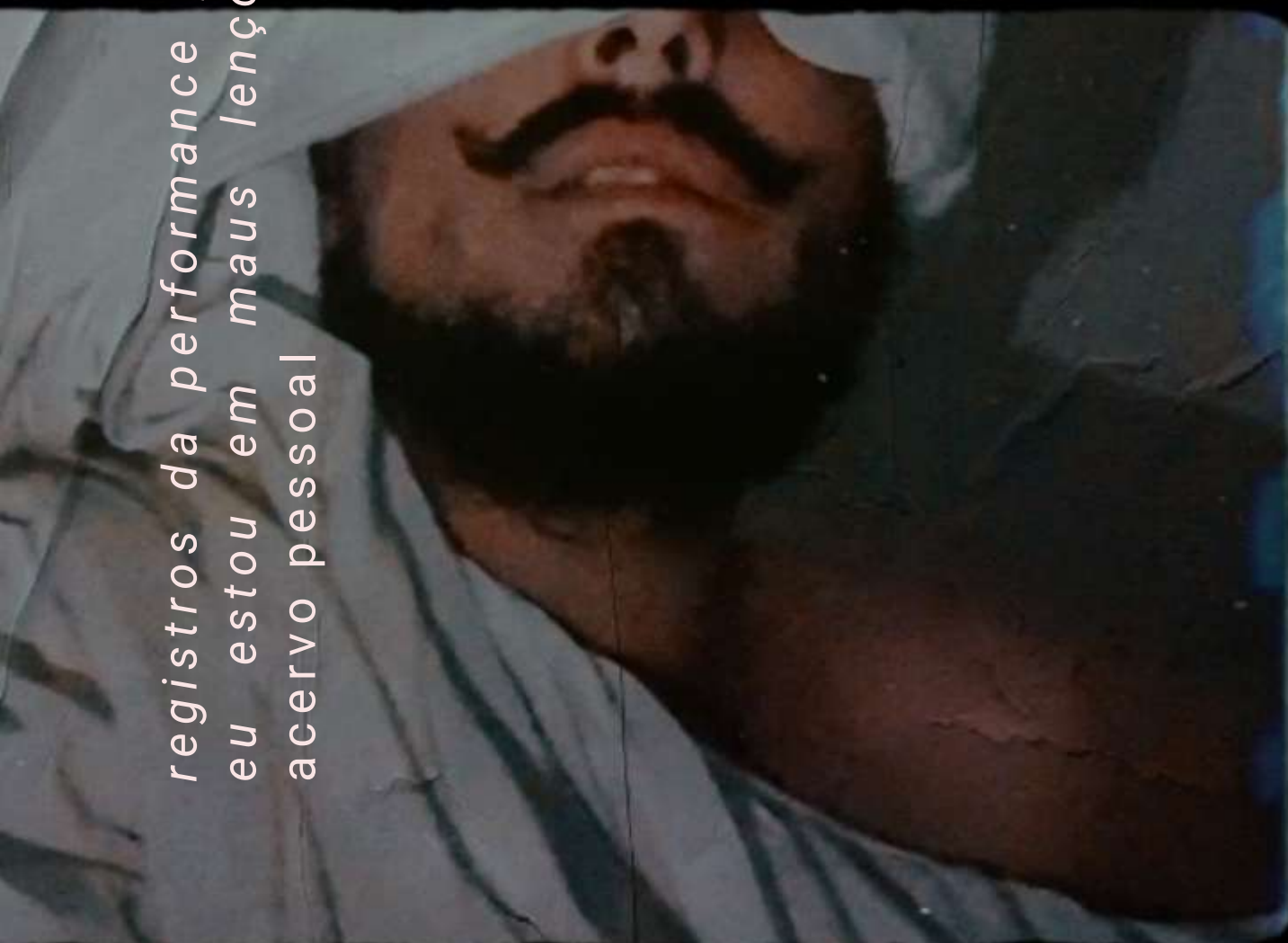


Untitled (Marilyn Monroe), por **Cindy Sherman** (1992)

“I lived a lot of different lives
Been different people many times
I lived my life in bitterness
And filled my heart with emptiness
[...]
Got different people inside my head
I wonder which one that they like best”

Marina Diamandis em
Fear and Loathing (2012)

registros da performance [cá entre nós,
eu estou em maus lençóis] (2020) /
acervo pessoal

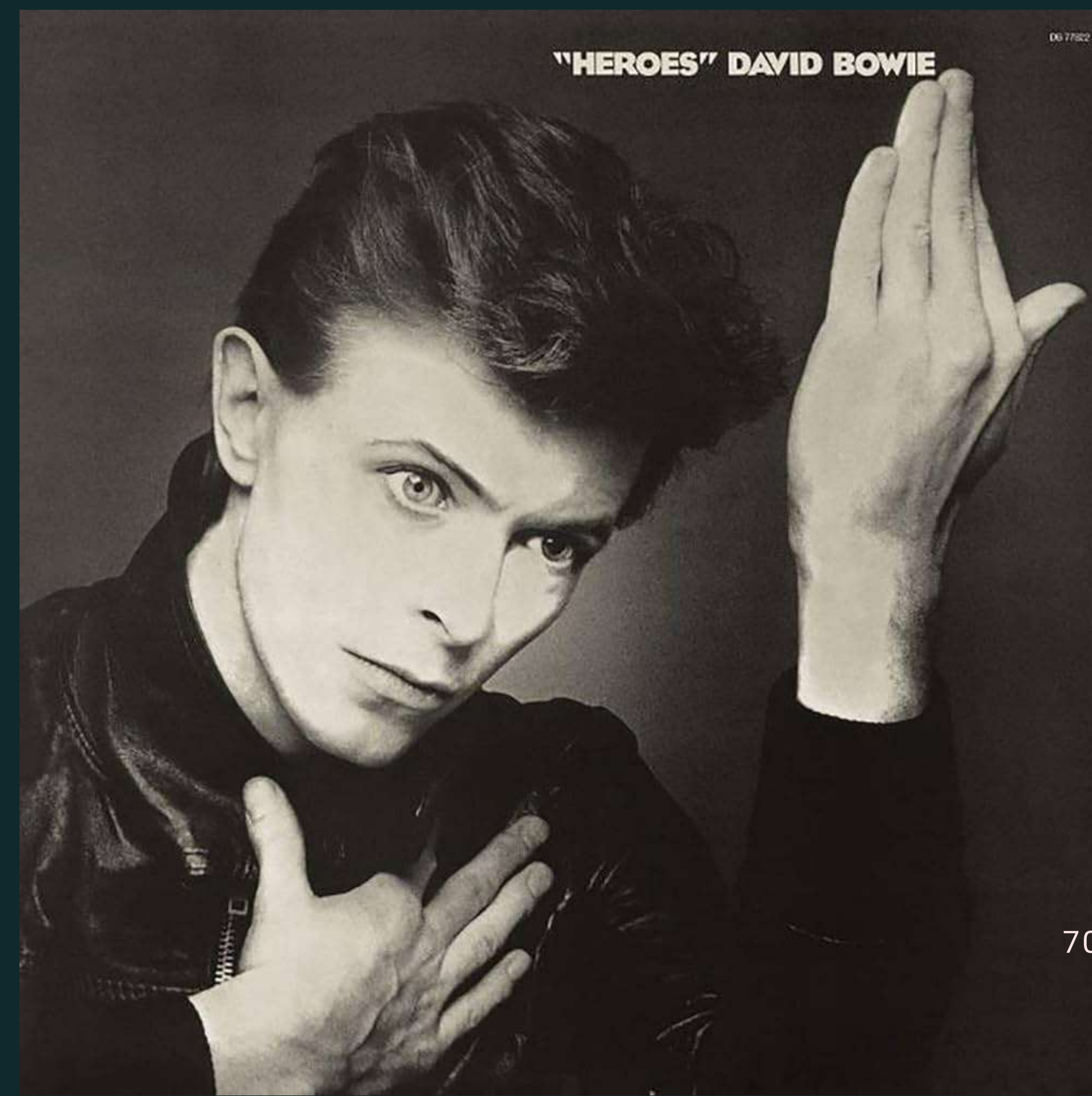


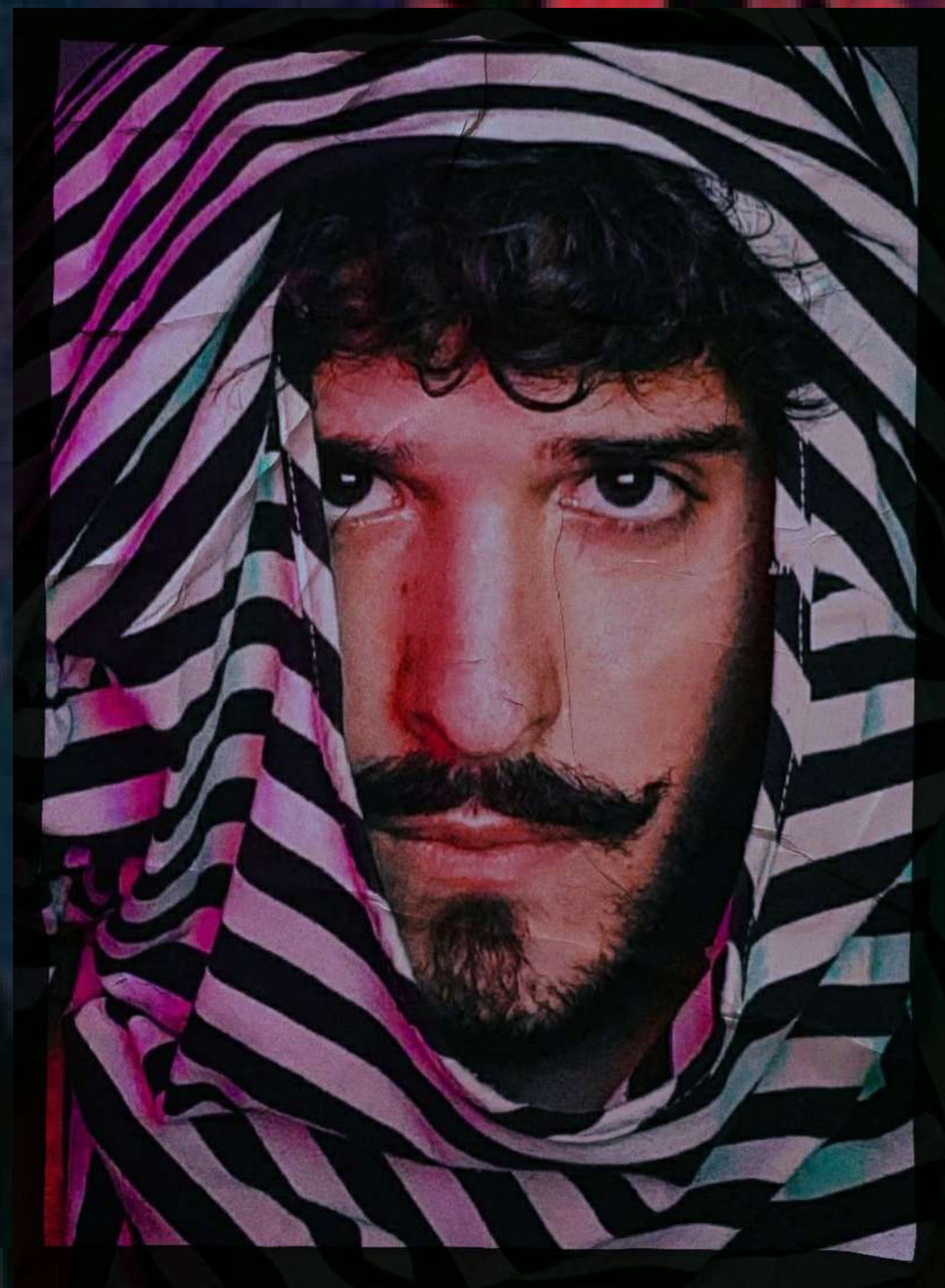


Outras vezes, as histórias que temos a contar, se materializam em melodia, em acordes dissonantes e em eras a serem gravadas em discos, como há muito fazem os nossos ídolos.

Meu traço peculiar como artista visual talvez seja o quanto a música, o som e suas relações imagéticas e estéticas se condensam, são um todo.

capa do álbum "Heroes", de David Bowie (1977)





Assim, como a completude de um ciclo completo, concluo as minhas divagações com aquele que foi o primeiro trabalho que realizei no curso.

A foto performance e o encarte de [vândalo] foram a obra que fiz para a atividade prática que pontuou e amarrou a disciplina de História da Arte I, realizada no estranho período de 2020.3, que foi um teste, mas que acabou por ser o meu primeiro, aqui estando.

Para a atividade, compus essa canção relatando, do meu jeito, um paralelo entre os primeiros humanos e suas maneiras de se expressar as quais ainda conseguimos ter contato, ante a desenhos e pinturas rupestres e as nossas tentativas de eternizar nossos nomes, nossas criações e esse alguém que forjamos ser, na contemporaneidade.

Me desafiei a ilustrá-la em um formato de arte sequencial, como recomendava-se que a produção fosse, e então fui montando todo um cenário e conceito estético, utilizando apenas de mim, do meu corpo, de um tecido amarrado e do meu teclado, apenas materiais ao alcance de minhas mãos, em meio a uma fase ainda bem restritiva do isolamento social, para deixar gravadas as minhas mãos noutras pedras, como diz a canção. E assim foi.

Ali, o álbum Bastardo começava finalmente a existir.

Mesmo não tendo sido a primeira composição que escrevi para o projeto, nem mesmo as primeiras imagens que realizei já pensando no formato e no imaginário visual do encarte do álbum que junto a essa pesquisa, construí, entendo o símbolo de que comecei a terminar essa história, materializando-a a partir dali.

“terminar como se começou,
estranho,
terminar como se conheceu

estranho é terminar
como se começou
estranho, terminar”

**Letrux em
Esse filme que passou
foi bom (2020)**

(outro) /
considerações
finais

Confesso que foi um desafio maior do que o esperado dar conta da vida lá fora, das demandas da universidade e finalmente, em meio a tudo, poder mergulhar com a profundidade que um trabalho de conclusão de curso demanda, nesta pesquisa.

O extrato disto pode ser conferido neste livro de artista em formato de encarte, presente ao final deste documento, contendo nove canções de composições unicamente autorais, junto a fotografias, colagens, artes digitais, pinturas e gravuras, também todas de minha autoria.

Esta pesquisa foi diagramada por mim neste formato inusual, emulando as dimensões e organizações dos encartes de discos, tal como minha obra se propõe a ser.

Lanço mão do formato tradicional que estamos acostumados a ver em outros trabalhos do gênero, permitindo abraçar fortemente a liberdade cuja qual o curso de Artes Visuais e o seu campo de criação de conhecimento, nos permite.

Faço as minhas saudações aos que vieram antes, abriam os caminhos para me permitir assim realizar, e espero poder ver novos e ousados trabalhos artísticos e igualmente científicos sendo publicados, validados e consolidados, daqui por diante.

Acredito que vale pontuar também que, com o devido planejamento, dediquei a ordenar as referências presentes nesta produção, não apenas me atendo às bibliografias tradicionais, que estavam também contidas, mas que tentei, em igual ou maior valor, dar voz e vez as citações artísticas no decorrer de toda a arguição e construção de ideias, para além da teoria dura e tradicional, como estamos acostumados a ler.

Credito esta possibilidade e os riscos tomados, a uma perspectiva nova das ciências e da produção acadêmica que aprendi a ter, no curso, graças ao contato com as teorias do imaginário e da complexidade e suas reflexões frente às estruturas tradicionais e cartesianas que as demais áreas costumam impor; Além de acompanhar a produção de pesquisas em arte dos meus pares, que têm se esforçado em solidificar e apresentar todo um novo e valioso lugar na produção de conhecimento e nas ciências das artes, de modo geral.

Posso resumir, enfim, que me dediquei, durante todo o processo, a costurar e sustentar a congruência de tantas ideias e de tantas frentes de trabalho em uma obra só, mantendo de pé as pretensões e devaneios em um projeto tão grande quanto as ambições que ainda tenho, com ele.

Sinto que consegui, a base de muito suor e certo sufoco, chegar a um lugar efetivo e de extrato total deste, que seguirá como uma obra em andamento e que tenho, agora, a dar vida e tirar do papel. Antes disso, sim, eu precisava colocá-la nele, e acredito que aqui consegui.

Para o futuro, como desdobramentos da Invenção de quem somos, desejo e pretendo poder realizar a produção musical e audiovisual do álbum Bastardo e espero poder seguir relatando, neste formato, os meus processos de criação, a serem publicados em repercussões posteriores desta pesquisa.

Até lá, que haja som, luz e cor. Que haja vida acadêmica, depois daqui. E sobretudo, que haja arte!



Referências

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (*Os Pensadores*).

CATTANI, Icleia Borsa. Arte Contemporânea: O Lugar da Pesquisa. In.: BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (Orgs). O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas. Ed. UFRGS. 2002.

CITY Grrrl. Intérpretes: Cansei de Ser Sexy, SSION. Compositor: Adriano Cintra. In: La Liberación. São Paulo. V2 Records. 2011. CD, faixa 03 (4m)

COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/82649/mod_resource/content/1/COHEN%20Renato%20-%20Performance%20como%20linguagem.pdf> Acesso em 29 de Fevereiro de 2024.

DANCE In The Dark. Intérprete: Lady Gaga. Compositores: Fernando Garibay, Lady Gaga. In: The Fame Monster. Los Angeles. Interscope. 2009. CD, disco 01, faixa 05 (4m)

D.J. Intérprete: David Bowie. Compositores: Brian Eno, Carlos Alomar, David Bowie. Nova Iorque. RCA Records. 1979. Disco de vinil, lado b, faixa 1. (4m)

ESSE Filme Que Passou Foi Bom. Intérprete: Letrux. Compositores: Letícia Novaes, Lucas Vasconcelos. In: Letrux Aos Prantos. Rio de Janeiro. Natura Musical. 2020. CD, faixa 12. (4m)

FEAR and Loathing. Intérprete: Marina And The Diamonds. Compositora: Marina Diamandis. In: Electra Heart. Londres. Atlantic Records. 2012. CD, faixa 12. (6m)

KLINGER, Diana. *Escrita de si como performance*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, p.11-30. 2008. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/178>> Acesso em 29 de fevereiro de 2024.

LIMA, Daniel Magalhães de Andrade. Forjando-se diva pop: virtuosismo, gestos inventivos e empreendimentos autobiográficos na performance de Lady Gaga. Recife: UFPE, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34519>> Acesso em 27 de fevereiro de 2024

MEIRELES, Cecília. **Poemas italianos** São Paulo: Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1968.

MORRIN, Edgar. A Complexidade do Eu. Fronteiras do Pensamento. YouTube, 04 de agosto de 2014, 3min15s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ExOqRgBKDKA>> Acesso em 29 de fevereiro de 2024.

PASSOS, Eduardo e BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In.: PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da e KASTRUP, Virgínia (orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Ed. Sulina, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ESTRADA/PISTAS%20DO%20M%C9TODO%20DA%20CARTOGRAFIA.pdf#page=17> Acesso em 27 de fevereiro de 2024



Leonardo
Bertrand

um
diário
de sonhos
bastardos

Recife,
2024





final feliz?

93

rogai por nós

139

fogo santo

107

o tempo perdido na vastidão da noite

145

tudo o que eu sempre/nunca quis

113

outras coisas (acontecendo ao mesmo tempo)

155

vândalo

117

vento norte

161

perdão

131

deve

haver

um tempo

antes

desse

onde

vivemos

tudo

o que

desejamos

pra

nós

I

guardo as
lembranças de
um passado
que nunca
existiu, os
delírios de
um sonho que
eu nunca
sonhei

atravessei os
mares que
nunca pensei
pra te
encontrar
aonde nunca
pude chegar

me perco em
plenos vôos a
lugar algum,
no nosso amor
de um passado
que nunca
existiu

lembranças
de um
sonho que
eu nunca
sonhei

não me
lancei aos
ares
porque
assim não
quis

meu amor
inventado,
você
nunca foi
o bastante
pra ter
um final,
um final
um final
feliz

eu venci os
dragões pra
poder te
alcançar,
você ergueu
muralhas em
torno de
mim

em meu
rosto, os
outros você
queria
enxergar e
eu de peito
aberto só
me
entreguei

você falou
por dentro o
que queira
gritar
e eu calei
em minh'alma
o amor que
nunca te dei

só restam os
precipícios
que você
criou
e as minhas
asas
cansadas que
ainda não
curei

calei dentro
do peito o
fruto do
querer e
carreguei
comigo o luto
de um amor,
que nunca fez
sentido pois
amor não foi,
delírios de
um sonho que
eu nunca
sonhei

(2x)

não me lancei
aos ares
porque assim
não quis

final feliz?



se tudo mais

for um

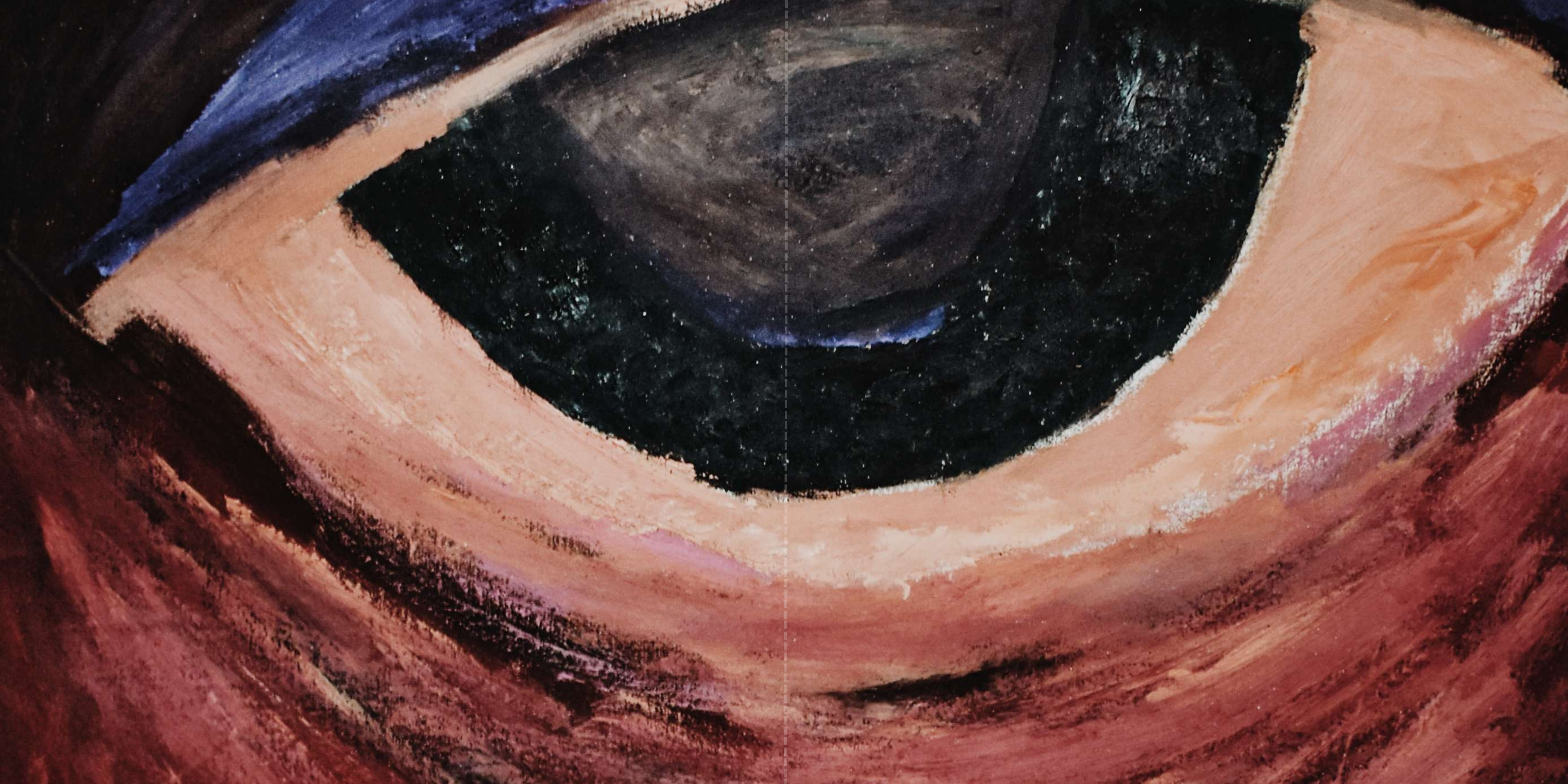
sonho

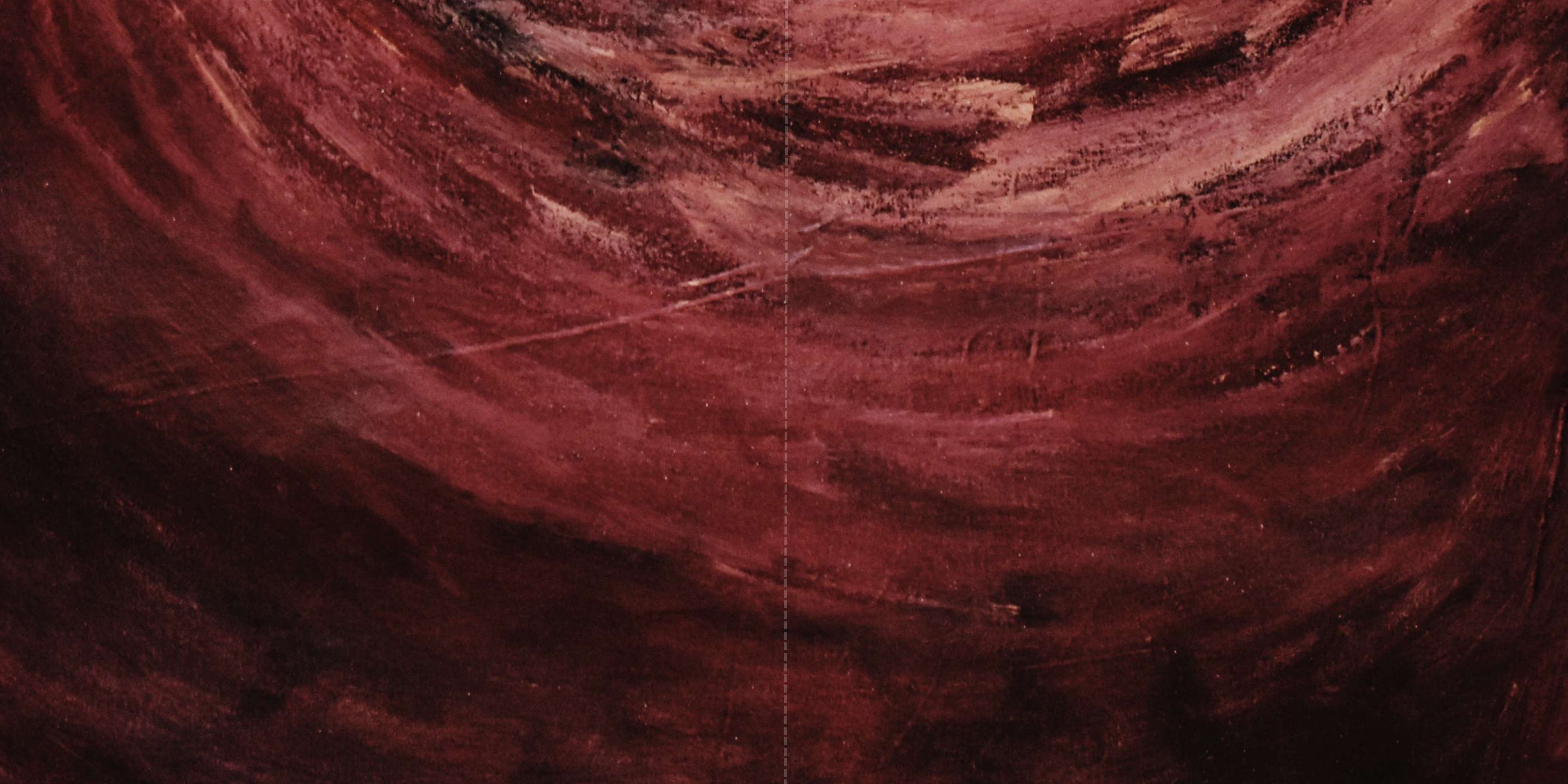
hoje

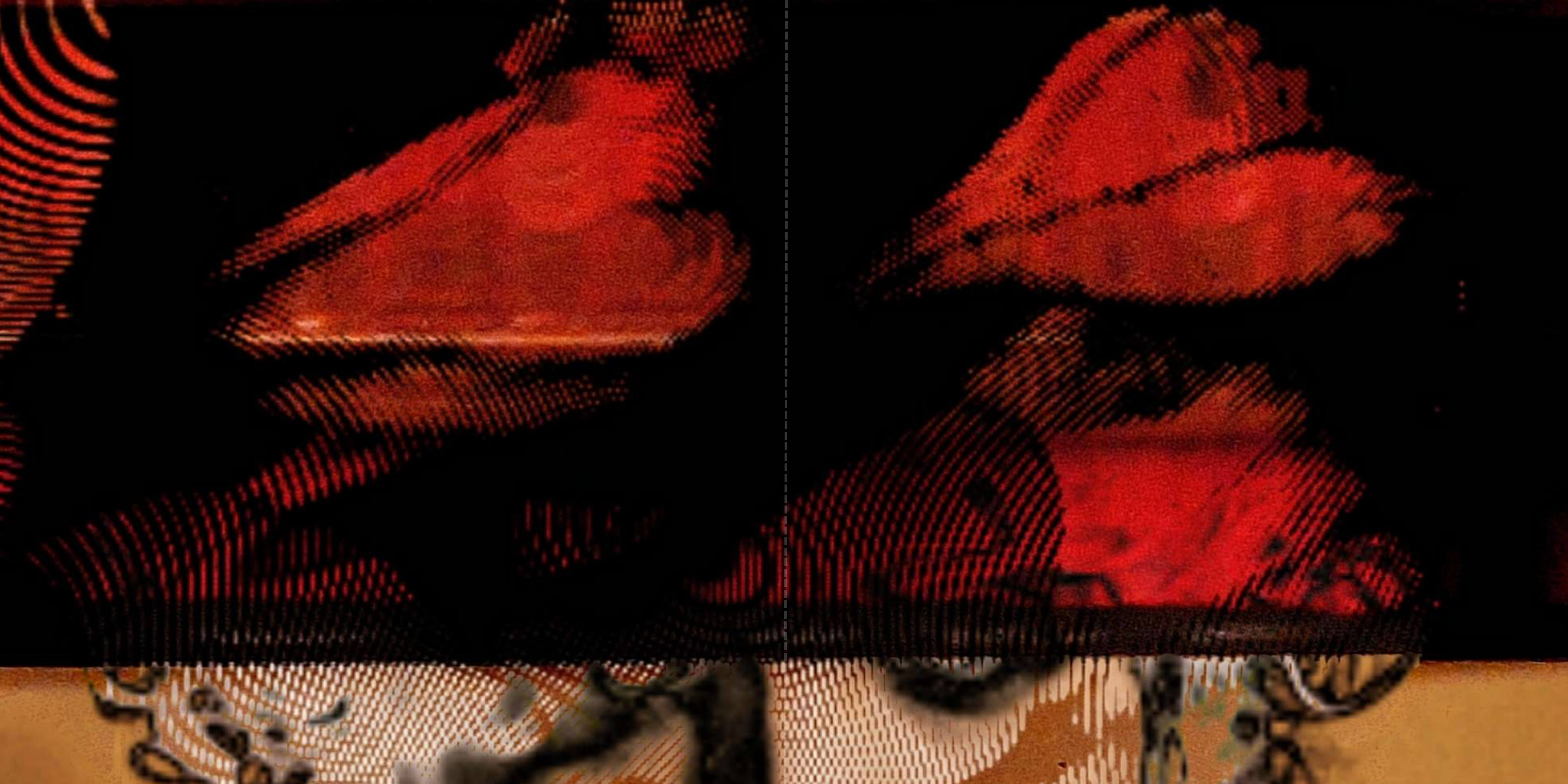
eu sei

eu não quero

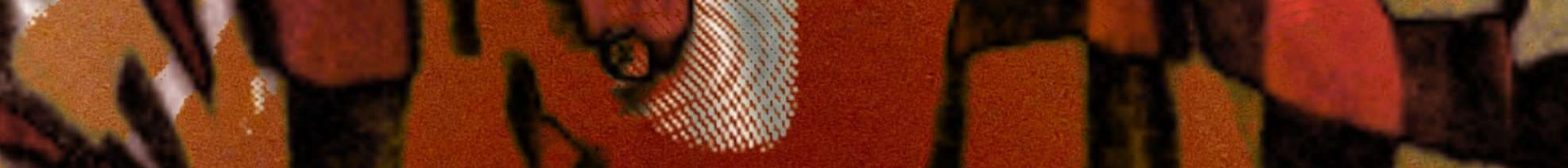
acordar











II

quero
reescrever
minha história,
poder te contar
de onde vim
e aonde quero
chegar,
o mais alto o
quanto eu puder
voar

cansei de
somente correr,
cansei de
somente esperar

eu quero
cantar e
eternizar cada
acorde que um
dia parí

e enquanto
eu puder
passear nos
teus sonhos,
vou existir
pra além dos
meus

quero é ver
arder, me
queimar
nessa brasa,
prometo não
vou mais
fugir

eu vou
escapar de
mim mesmo e
escancorar
meus
segredos,

o meu calor
é o fogo
santo, é o
meu desejo
de te
guardar o
fim, os
meios e os
começos

não vou
me safar,
aceito o
que vier,
quero
estar
sujeito

a queimar
ou a
compor o
fogo
santo do
desejo

[outro]

e eu vou
escapar de
mim, nem que
seja assim, só
pra ver
queimar

(pra deixar)

deixar
alumiar,
só pra me
livrar dessa
escuridão

nenhuma chama
é em vão, eu
não vou apagar

mesmo que seja
assim, só para
ver queimar

nenhuma
chama é
em vão,
eu não
vou
apagar

mesmo que
seja
assim, só
para ver
queimar



aqueles

que dançam

estão

ao menos

vivos



III

tudo o que eu sempre/nunca quis

tentei pintar,
mas não colou,
tentei gravar,
mas esqueci

talvez eu nem
saiba dançar,
nem te falar
do que escrevi

deixei os
versos
escaparem,
deixei a
canção acabar

mas se não
avisto o fim
da estrada,
aonde é que
vou parar?

tudo o que
sempre/nunca
quis, tudo o
que eu talvez
planejei, será
que ao fim eu
saberei
de alguma coisa
a ensinar?

num mundo com e
sem seu preço,
isso ou aquilo
vai bastar?

tudo o que eu
sempre/nunca
quis
foi saber como
tudo ainda vai
terminar

e no
apagar das
luzes,
haverá
algo além
daqui?

entre
essas
melodias
tortas,
alguém
ainda vai
me ouvir?

se eu
desejo
tudo isso,
se meu
corpo quer
performar,

será que
ocupo, ao
mesmo
tempo, o
meu, o seu
e um outro
lugar?

[outro]

não
confundido
o céu, o
chão e o
precipício

acho que
basta isso

ou tens
mais algo a
me ensinar?

quando

eu

só

escapar

de

mim

pra ver

queimar

nem

que seja

assim





IV

vândalo

um dia eles
vão nos
escutar, sem
entender o
que
tentávamos
falar

um dia,
talvez, eles
vão descobrir
o que nem
mesmo pudemos
pensar

caberá ao
futuro nos
eternizar,

deixo minhas
mãos nessas
pedras por
tanto teimar
em te provar
que eu também
existi

viver e morrer
e seguir a
tentar ser mais
do que mera
poeira estelar,

somos vândalos
seguindo aqui
em busca de
gravar nossas
mãos em outras
pedras

quando nem
mesmo a
lembrança
sobrar, só
então eles vão
querer
eternizar as
ruas da cidade
que um dia
sonhei vão
contar por nós
a nossa
história

viver e morrer
e seguir a
tentar (ah, ah)
a ser mais do
que mera poeira
estelar

deixa eu
escandalizar,
rasgar a
monalisa,
gravar seu nome
nela,
quem sabe assim
eles
compreenderão
que cada
instante
importa e nada
foi em vão

viver e morrer
e seguir a
tentar ser mais
do que mera
poeira estelar,

somos vândalos
seguindo aqui
em busca de
gravar nossas
mãos em outras
pedras

quando nem
mesmo a
lembrança
sobrar, só
então eles vão
querer
eternizar as
ruas da cidade
que um dia
sonhei vão
contar por nós
a nossa
história

[outro]

viver e
morrer e
seguir a
tentar (ah,
ah) e amar,
e a perder,
e a lutar,
e a errar e
a errar e a
errar

caberá ao
futuro nos
eternizar,
seremos
mais do que
mera poeira
estelar,
somos
vândalos e
eles ainda
vão nos
estudar







caberá

seremos

mais

ao futuro

do que

mera

nos

poeira

eternizar

estelar





e

hoje

eu

sei

já

não

importa

mais

só

fomos

duas

almas

perdidas

neste

mesmo

cais



eu só queria
te alcançar,
mas eu
confesso que
não entendi
aonde iríamos
chegar

perdão, se eu
cruzei os
teus caminhos
e causei essa
confusão, eu
estava errado
em te ter por
perto quando
meu coração,
ainda
partido,
tanto doía,
não me fazia
enxergar que
ao teu lado
eu podia (ou
poderia)
decolar

eu só queria
te alcançar,
mas eu
confesso que
não entendi
aonde iríamos
chegar,
perdão

queria poder
me entregar,
mas esse medo
é que falou
por mim

soltei tua
mão, te
deixei ir

perdão, se eu
te deixei ir
embora, se
soltei a sua
mão, foi por
pensar que eu
não bastava,
que o meu
desejo era em
vão

nunca pude
entender o
que fomos, se
você também
queria estar

ao meu lado,
nessa
história, na
vida, na cama
ou na mesa de
bar

e os ventos te
levaram pra
longe daqui,
onde nem mesmo
em sonho eu
pude chegar

perdão pelas
promessas que
eu não cumpri,
perdão por
querer mais do
que pude te dar

por entre as
nuvens vi você
partir e nunca
entendi onde
íamos chegar,
mas meu desejo
era sim, poder
te ter

na vida
na cama
na mesa de bar

eu queria te
acompanhar,
mas eu
confesso que
não entendi
aonde
iríamos
chegar

perdão,
queria poder
me entregar,
mas esse
medo é que
falou por
mim

soltei tua
mão, te
deixei ir

perdão









VI

rogai por nós

mãe,
eu acho que
esqueci quem
sou

faz tanto
tempo que eu
não voltei,
não disse
aonde andei,
mas tenho
tanto, tanto
a contar

mãe, rogai
por nós,
os filhos
sem paz
dessa
terra e
espera,

me espera
encontrar
um rumo,
me ensina
a andar de
novo

tantas vezes
eu falhei,
tanto quanto
eu menti

mas não me
deixa aqui,
eu não sei
voar

mãe, você
ainda guarda
as coisas que
eu deixei aí?

qual é o meu
lugar? pra
onde eu devo
ir?

e cada dia
passa, entre
um vício e
outro

não sou mais
um abrigo,
meu próprio
inimigo são
as chances
que deixei
passar

não vai
voltar
não vou
voltar
não

mãe, você
ainda
guarda as
coisas que
eu deixei
aí?

qual é o
meu lugar?
pra onde eu
devo ir,
afinal?

[outro]
e não, os
ponteiros
não
correrão
pra atrás,
sei que
todo
lamento é
em vão

mas queria
ter uma
noite a
mais,
só pra
desperdiçar



não

vai

não

vou

voltar

voltar

não



navalha afiada em meu
peito,
eu sigo correndo sem
jeito,
pulando altos muros e
me escondendo

sangrando e
aprendendo,
dentro de outro sono

no espaço vazio do
peito as fendas se
abrem diante dos meus
dedos,

alego existir e minto
até caber

do lado de dentro do
tempo,
há tempo a perder?

aonde todo fôlego é
alento,
tenho de retomar o
fluxo de oxigênio
e rumar correnteza
acima,
no curso das águas
que eu mesmo
inventei

mas esqueci de
desenhar
aquele atlas que
chegasse a me
cobrar
e que sequer
mapeei...

vai ver nunca
tentei me
geolocalizar

só sei que ainda
preciso sonhar
(e você me pede
para voar...)

só sei
que ainda preciso
sonhar

seguro o ar por um
momento
e o espaço que
ocupam os segundos
é imenso, é imenso
é imenso e eu
penso

quem vai me
ensinar a respirar
daqui de dentro?

ainda
desconheço o
vento

o pulso, o
ponteiro e a
fita de
moebius

mas te escuto
e te entendo
e conto até
dez
eu finjo que
é noite,
alcanço os
corcéis









eu

sou

a bailarina,

a tela,

o violinista

e uma

partitura

desonesta

e eu que fui
barrado no
salão dos
recusados,
não me
enxerguei no
espelho, não
estava
preparado

pra entregar
aos outros
todos meus
sonhos
roubados

o que enfim
restou do
mundo
enquanto
estive
isolado?

agregue aqui
uma intenção
ou o som que
mais te
apetecer, eu
sou uma
melodia
estranha aos
teus
ouvidos, mas
que não há o
que entender

tal como
pollock,
vagando em
sua razão

- eu perco o
tom -

já não me
lembro se
sonhar é
assim tão
bom

você
quebrou o
meu
retrovisor,
já não
consigo
saber mais
pra onde
vou

e aonde
cabará meu
mundo, num
mundo que
se acabou

você
quebrou o
meu
retrovisor

não sei
dizer quem
são os
deuses ou os
astronautas,
mas marte
parece mais
perto agora,
sob as luzes
da ribalta

que hoje
alcanço e
enxergo, mas
não pareço
pertencer

aonde levará
o insejo de
quem ainda
quer viver?

outras
coisas
acontecendo
ao mesmo
tempo e eu
sou a
bailarina, a
tela, o
violinista
e uma
partitura
desonesta

mesmo que eu
não baste,
eu canto e
invento um
outro dom

mas não mais
lembro se
sonhar é
assim tão
bom

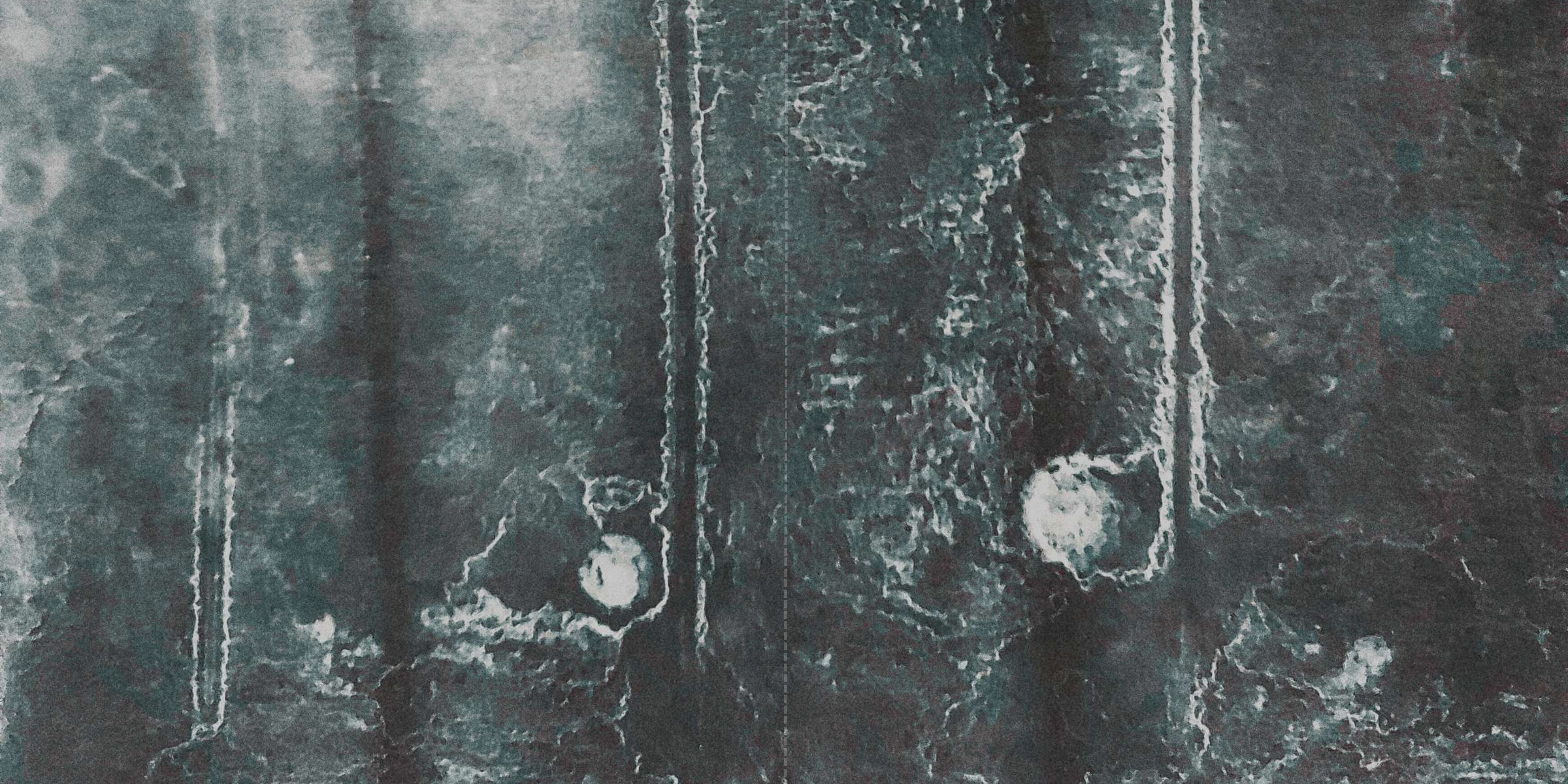
[outro]

mas se isso é
o fim, prefiro
que seja um
estopim

só pra correr
na contramão e
ser alguém que
ainda tentou

viver pra além
do fim da
história, em
mil cópias de
minhas
memórias

sendo quem
restou pra
quebrar cada
retrovisor
deste lugar





x

quando a
saudade
bater, se
lembre de
amanhã e
entenda que
as nuvens
tem um mapa
só pra nos
guiar

que deve
haver um
tempo
antes
desse,
onde
vivemos
tudo o que
desejamos
pra nós

e só nós
dois e as
estrelas,
eu te
prometo,
ainda vou
voltar

quando a
bahia chegar
e o vento
norte nos
der sentido,
atente os
teus ouvidos
pra
testemunhar

e deve
haver um
lugar nas
estrelas,
guardado
só pra
gente
quando
estivermos
sós

atravesso
quantas
portas for
preciso
até te
alcançar

na luz da
lua, eu te
vejo
gravo em
meu peito o
que vou
levar

nesses teus
olhos,
mergulho,
me liberto
e aprendo a
escapar

digo que
vou
embora,
mas vou
voltar,
me deixe
velejar
por entre
as nuvens

qualquer
outro
lugar
ainda há
de ser
nosso, se
confiar
no vento,
eu sei
que volto

[outro]

pois deve
haver um tempo
- (deve haver
um tempo) -
onde vivemos
tudo o que
desejamos pra
nós

e deve haver
um lugar nas
estrelas,
guardado só
pra gente
quando
estivermos sós



um diário
de sonhos
bastardos

livro de
artista com
retratos,
rabiscos,
poesias e
canções
silenciosas
por Leonardo
Bertrand

para a
conclusão do
Bacharelado
em Artes
Visuais,
pela
Universidade
Federal de
Pernambuco.

Recife,
Pernambuco,
Março de
2024.

nec spe

nec metu